

Bibliografia Comentada: “A Conexão Planetária”

Resumo

O presente texto busca comentar criticamente o livro “A conexão Planetária - o mercado, o ciberespaço, a consciência”, de Pierre Levy.

O pensador francês Pierre Lévy é uma referência obrigatória para aqueles que procuram entender a emergência do ciberespaço e sua relação com as variadas dimensões da vida social.

O conjunto de sua obra é marcado por uma análise antropológica do ciberespaço e de sua influência no campo do conhecimento, da filosofia, da cultura, da economia e da educação.

Obras como O que é o virtual e Cibercultura trouxeram contribuições decisivas para a temática do ciberespaço, apesar de sempre terem um caráter polêmico e controverso nos meios acadêmicos. Não poderia ser diferente com o seu mais recente trabalho: A conexão planetária - o mercado, o ciberespaço, a consciência, publicado pela Editora 34.

O livro começa com um Manifesto dos Planetários, no qual o autor define o longo período de existência do Homem na terra, como sendo um processo que se deu a partir da dispersão, da ruptura com o nomadismo, do adensamento populacional, da ocupação de todo o globo e do momento atual que seria a conexão de todos os seres humanos, de suas subjetividades, tendo como lócus desse encontro o ciberespaço.

Partindo desta premissa de uma nova realidade de conexão dos seres humanos, ele propõe que aqueles que

vivem e reconhecem este novo momento se juntem e repensem elementos essenciais da realidade anterior: nação e nacionalidade; religião; concepções políticas e ideológicas; mercado e comunicação.

No manifesto, o autor propõe que se tenha uma visão mais dinâmica da situação, afirmando que a relação de dominação existente (que ele diz ser inegável) acaba por se desdobrar numa relação de condução a um futuro comum e positivo. E vai além, entre a luta por mudar um governo ou modelo ou mudar de país, ele propõe que seja adotada a segunda alternativa, generalizando esta lógica para as relações de trabalho e até mesmo para as amorosas.

Ainda no manifesto, ele afirma que caminhamos rapidamente para a proclamação da Confederação Planetária e conclui: “Imaginem a festa mundial que se seguirá”.

Este primeiro capítulo acaba por explicitar e sistematizar a visão, muito criticada de Lévy, do social como um processo natural, em relação ao qual os Homens devem se adaptar e tirar os melhores frutos, sem crítica. Fica clara a adesão de Lévy à lógica atual do sistema de poder político e econômico.

No capítulo seguinte - A economia virtual, o autor procura demonstrar os motivos de seu apoio ao modelo atual de capitalismo e mercado. É quando fica ainda mais explícita adesão e o deslumbre com o mercado: “A distribuição é tudo, porque o consumo é tudo” ou “O império mundial sob a dominação norte-americana mais ou menos branda

Rovilson Robbi Brito é jornalista e professor, mestre em Comunicação e Mercado pela Cásper Libero, doutorando da ECA/USP.



- hoje em via de consolidação - logo não terá nenhum rival”. E explicita sua visão desse processo: “Não importa o que pensemos, que sejamos contra ou a favor, devemos admitir que a maior parte dos indícios de que dispomos apontam para um futuro cada vez mais marcado pelo mercado capitalista, a ciência e a técnica” e completa “A atitude crítica se voltou para o passado”.

O pensador francês afirma ainda que crescentemente ocorre uma fusão entre as dimensões materiais e espirituais no âmbito do mercado, dizendo que não há lugar para separar as atividades técnicas e materiais das instâncias intelectuais e espirituais da humanidade.

Sinalizando uma vez mais com sua visão de “naturalização” do processo social, Lévy afirma: “O ‘capitalismo’, assim como a morte e a sexualidade para a evolução biológica é talvez uma artimanha da evolução cultural para mobilizar as pessoas, acelerar as circulações, ampliar e flexibilizar o porte dos laços sociais e difundir as inovações” e conclui com sua visão exageradamente otimista, para não dizer distorcida, da realidade - “A instauração efetiva do liberalismo, que supõe um estado muito avançado da ética e da espiritualidade de uma população, conduz, efetivamente a um aumento da riqueza geral”.

Ainda neste capítulo o autor faz um elogio à especulação financeira, como sendo uma aposta no futuro, elemento de inovação e abertura de novos horizontes econômicos. Afirma também que a idéia de poucas empresas dominando na forma de monopólio ramos inteiros da economia global devia ser vista como algo positivo e desejável.

O terceiro capítulo do livro - A subida em direção à noosfera, trata da ampliação do papel da cultura e da subjetividade nos tempos atuais de conexão planetária. Nesta parte do trabalho, o autor retoma seu conceito de inteligência coletiva (conexão de subjetividades potencializando qualidades) e procura desenvolvê-lo

como uma necessidade e uma realidade na perspectiva do que chama de um hiper-cérebro global. Neste sentido, desenvolve toda uma leitura da necessidade da aceitação das diferenças culturais nacionais, da troca intensa entre ocidente e oriente, e defende o intercâmbio, a unificação. E aponta o papel decisivo da Internet como o espaço por excelência para a intensificação desta troca, desta unificação da esfera subjetiva da humanidade.

Afirma que o computador deve figurar entre outros “objetos antropológicos” como o fogo, a arte e a escrita, pois todos, ao seu tempo, aceleraram o processo de hominização.

No campo da evolução da troca cultural, o rumo geral apresentado por Lévy é de fato positivo, mas desconsidera sobremaneira os impasses, os conflitos, e a tendência hegemônica que determinadas culturas têm em relação à outra. Portanto, fica mais no campo do desejo e da proposta e menos no campo da análise concreta das tensões, conflitos e confrontos que marcam esta “conexão” que vai se realizando.

E esta visão acima do real, do conflitivo, aparece ainda com mais força no capítulo seguinte - A expansão da consciência, no qual o autor revela sua visão de como se constitui a sociedade hoje, acima das diferenças de classe e das disputas reais. A expressão máxima dessa visão é assumida claramente no seu chamado ‘credo espitemológico’, no qual afirma: “O mundo não precisa de crítica, o mundo precisa de amor”.

Lévy afirma que a identificação com uma classe, com uma casta, ou com um título é sempre uma retração da consciência. Mas, o não reconhecimento da existência delas e de seu papel no conflito social, também não representa uma retração?

Na visão sociológica de Lévy, não existem categorias sociais, mas somente pessoas capazes de ter o coração e o espírito mais ou menos vasto. Uma verdadeira sociologia do



amor. Em diversos momentos deste capítulo nos deparamos com visões que se distanciam sobremaneira da busca científica e beiram trabalhos de auto-ajuda ou de misticismo.

E esta verdadeira pregação, volta com força no fechamento do trabalho, na conclusão. O autor afirma: “A humanidade logo irá compreender que quanto mais ela amar a si mesma, mais ela evitará as guerras, os conflitos, as violências, as agressões, as obsessões, a ignorância, os preconceitos e a estreiteza de espírito, e mais formas ela perceberá”.

Como se vê, A conexão planetária se constitui num momento de mais clara afirmação das convicções de

Pierre Lévy. Convicções que apareciam de maneira dispersa e menos intensa e clara em outras obras, apesar de já terem sido identificadas e criticadas.

Uma visão contraditória, já que ele defende o sistema e a lógica que perpetra justamente o oposto dos valores que ele acaba por levantar como perspectiva. Falta conexão entre suas posições sobre liberalismo e capitalismo, seu desejo de amor e fraternidade e a realidade. São universos distintos que não dialogam.

No entanto, pelos méritos e deméritos, o livro é indispensável para quem pensa a sociedade contemporânea e o ciberespaço.

